

NOMES DE PARTES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA: ÂMBITO DE ANÁLISE DO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL AKWĒ-XERENTE

NAMES OF PARTS IN CLASSIFYING FUNCTION: ANALYSIS FIELD OF NOMINAL CLASSIFICATION SYSTEM AKWĒ - XERENTE

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG)*

RESUMO: O objetivo deste estudo é verificar se ocorre o uso de nomes de partes do corpo em função classificadora na língua Akwê-Xerente, considerando para tal a relação entre língua e cultura. Visa-se, assim, descrever esse uso em consonância com algumas propostas teóricas já desenvolvidas sobre a questão, tais como as expressas por Lankoff e Johnson (1980), Posey (1984), Crofts (1985), Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), Gumperz (1996), Wierzbicka (1997), Nunes (2000), Langacker (2002), Enfield (2002), Gomes (2006), Martines (2007), as quais, entre outros aspectos, aventam a hipótese de que o corpo humano constitui um dos pilares que orienta, mediante relações metafóricas, a construção de um conjunto de referências para designar inúmeros conceitos linguísticos, tais como: forma, função dos objetos, espaço, localização, comprimento, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes de partes. Função. Classificadores. Língua Akwê-Xerente. Cultura.

ABSTRACT: The objective of this study is to verify whether the language Akwê-Xerente uses names of the human body to classify its parts, considering the relation between language and culture. It aims at describing such use in accordance with the theoretical proposals already developed about the issue, as mentioned in Lankoff and Johnson (1980); Posey (1984); Crofts (1985); Heine, Claudi and Hunnemeyer (1991); Gumperz (1996); Wierzbicka (1997); Nunes (2000); Langacker (2002); Enfield (2002); Gomes (2006); Martines (2007). These proposals, amongst other aspects, suggest the hypothesis that the human body constitutes one of the basis which orients through metaphorical relations, the construction of a set of references to assign a great number of linguistic concepts such as: form, function of the objects, space, location, length, among others.

KEYWORDS: Names of Parts. Function. Classifiers. Akwê-Xerente Language. Culture.

* Mestre e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora de Linguística do quadro efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG – Unidade Pires do Rio). E-mail: keniamara@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

As noções discutidas a seguir têm o objetivo de refletir sobre questões referentes a vários aspectos linguísticos dos nomes compostos na língua Akwẽ-Xerente, no que tange à relação entre a formação destes compostos usando nomes de partes do corpo e o ponto de vista perceptual e funcional construído, em princípio, sobre bases culturais para esta língua. Afinal, uma descrição linguística desta natureza pode apontar inúmeros aspectos da situação em que se encontra a língua no que concerne às mudanças que possam estar ocorrendo.

Embora a situação de contato em si não constitua a finalidade deste trabalho, o estudo teórico da língua pode se mostrar bastante profícuo na elucidação de questões muito amplas acerca da língua, da cultura e da sociedade Xerente, pois, de acordo com Braggio (2005), esta língua se encontra ameaçada de desaparecer por diversas razões de ordem política, social, sociolinguística que não cabem, no momento, explicitar.

De certa forma, a discussão que enseja as evidências da relação entre linguagem e cultura constitui um importante arcabouço teórico necessário para compreender que motivações estão na base da formação dos nomes de partes do corpo em compostos lexicais, já que a relação entre língua e cultura vem não apenas aprimorando muitos argumentos favoráveis a ela, como também proporcionando novas visões do assunto, analisado agora sob aportes teóricos mais elucidativos no que se refere ao âmbito, dimensões e contornos dessa relação, cujo escopo pode ser (possivelmente é) entendido como uma via de mão dupla, ou melhor, há entre língua e cultura uma inter-relação com dimensões presumivelmente dialógicas. É nesse sentido que se procura descrever os nomes de partes do corpo nos compostos.

Na verdade, é preciso destacar que as descrições realizadas aqui constituem, naturalmente, apenas hipóteses de pesquisa, pois carecem ainda de inúmeros outros estudos para que se possa começar a esclarecer em que se fundamentam as raízes da questão. A cada novo estudo sobre a língua Akwẽ-Xerente, novos fatos emergem suscitando dúvidas prementes de serem esclarecidas. Muitos aspectos verificados em trabalhos anteriores sobre o Xerente representaram um passo a mais no sentido de conhecer e preservar a língua e a cultura deste povo. Entre esses trabalhos podem ser citados: Mattos (1973), Braggio (2004), Grannier e Souza (2005) e Souza (2008), que apontam a ocorrência de alguns fenômenos fonotáticos que estão na base de processos fonológicos que se encontram em curso na língua, uma vez que Mattos (1973), há

aproximadamente 35 anos, já alertava para o rápido movimento rumo à mudança pela qual a língua Akwẽ-Xerente vinha passando. Essa mudança integra as preocupações do Projeto Línguas Indígenas Ameaçadas: Documentação (descrição e análise) e Tipologias Sociolinguísticas (o LIBA), projeto interinstitucional – UFG e UnB, cuja coordenação cabe à Profa. Dra. Silvia Lúcia Bigonjal Braggio e, do qual faz parte a autora deste trabalho.

Este estudo significa ainda, no âmbito das pesquisas linguísticas, uma pequena contribuição no sentido de oferecer subsídios teóricos acerca da situação em que se encontra a língua, como um meio de se pensar na elaboração de programas, principalmente educacionais, que possam auxiliar na preservação da língua e da cultura Akwẽ-Xerente. Para tanto, as seguintes leituras constituem um passo necessário para o conhecimento mais amplo da língua em questão: a maioria dos trabalhos sobre a língua Xerente preocupa-se em focar aspectos sociolinguísticos (cf. BRAGGIO, 1992, 1997, 1999, 2005, 2007; SOUSA FILHO, 2000, VIEIRA, 2005, MESQUITA, 2006); há também alguns estudos que se ocupam de questões linguísticas nos âmbitos da morfologia, da sintaxe e do léxico. Entre eles podem ser citados o Dicionário Escolar Xerente-Português; Português- Xerente de Krieger e Krieger (1994); o estudo morfológico da expressão de posse de Siqueira (2003, 2007) e o estudo de alguns aspectos morfossintáticos do Xerente de Sousa Filho (2007), há outros que objetivam, realizar descrições da fonética/fonologia da língua Xerente, seguindo a abordagem tanto dos modelos lineares, como dos não-lineares, entre esses trabalhos é importante citar: Mattos (1973); Braggio (2004); Grannier e Souza (2005) e Souza (2008).

Para o embasamento teórico, este estudo fundamenta-se, entre outros teóricos, em: Lakoff e Johnson (1980); Posey (1984); Crofts (1985); Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991); Gumperz (1996); Wierzbicka (1997); Nunes (2000); Langacker (2002); Enfield (2004); Gomes (2006); Martines (2007).

Os dados selecionados para se realizar a descrição foram escolhidos, aleatoriamente, entre os dados apresentados nos trabalhos de Siqueira (2003), Sousa Filho (2007), Souza (2008), Braggio (1999). Mesmo sendo uma amostra pequena (há inúmeros outros nomes inalienáveis que se comportam à semelhança destes), constitui uma amostra bastante elucidativa, pois representam uma classe de nomes Xerente que, de uma maneira ou de outra, mostram comportamento análogo. Para Gomes (2006), tais formas comportam-se com (ou sem) função classificadora e podem ter aspectos morfológicos relacionais ou não, combinam-se em sintagmas ou em compostos.

Quanto à semântica, apresentam valores semânticos ligados ao sentido primitivo de partes do corpo, ou ocorrem em sentido derivado, metafórico; Souza Filho (2007) analisa-os

como termos de classe, baseando-se nos traços semânticos que as raízes nominais envolvidas no composto, acrescentam à designação do objeto.

Este trabalho visa, portanto, sistematizar alguns tópicos, cuja descrição possibilitará o embasamento necessário para o desenvolvimento da pesquisa *in loco* e posterior seleção dos dados específicos àquilo que se constituiu como problema de pesquisa, isto é, “a relação entre língua e cultura no que tange aos nomes de partes do corpo usados, ou não, como classificadores na língua Akwê-Xerente”.

Assim, na próxima seção, far-se-á uma breve revisão das ideias que, de maneira geral, integram os estudos etnolinguísticos no que se refere à discussão das abordagens mais recentes sobre as relações entre gramática e cultura (etnossintaxe) nas diferentes línguas e etnias.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PRELIMINARES

A ideia de que o sistema conceitual linguístico de um povo está baseado em sua realidade cotidiana, por meio de sua interação imediata com os respectivos ambientes físico e cultural, encontra, entre os estudiosos, grande aceitação, entre eles: Posey (1984), Crofts (1985), Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), Gumperz (1996), Wierzbicka (1997), Nunes (2000), Langacker (2002), Enfield (2004), Gomes (2006), Martines (2007).

Da interação homem, ambiente físico e cultural, dá-se a formação de paradigmas específicos para cada língua, já que a formação de um paradigma somente pode ser concebida como uma ação cultural proveniente do reflexo do pensamento de um povo. Assim, é possível entender que o sistema conceitual do ser humano é estruturado na vivência de mundo que possui e, principalmente, na maneira como se relaciona com seu semelhante e com o ambiente físico próximo a ele. Dessa maneira, a formação de paradigmas na construção de significados pode ser vista como um ato basicamente cultural, em que o pensamento desse povo se reflete e se expressa através de sua língua.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), em muitas sociedades, o corpo humano emerge como um dos principais pilares que orienta a construção de significados, mediante relações metafóricas, como forma de expressar as bases constitutivas do pensamento.

Langacker (2002) ressalta que os padrões contemplados em uma língua são, razoavelmente, vistos como constituintes de um estilo cognitivo construído culturalmente. Na verdade, toda língua desenvolve um inventário semântico único e rico em recursos simbólicos cujo índice conceitual parte do próprio corpo para designar as categorias dos

objetos tais como: coisas finas, cilíndricas, redondas, com forma de lâmina, pequenas, que cortam como dente, esticadas entre tantas outras categorias.

Nunes (2000) afirma que o corpo humano oferece um conjunto conveniente de pontos de referência para vários tipos de orientação, seja orientação espacial, localização, extensão, seja em relação ao formato dos objetos. Assim, por exemplo, a forma redonda da cabeça humana (**krã*¹ 'cabeça' em Xerente) oferece a base conceitual para uma série de nomes que podem ser definidos como "coisa redonda". O recorte feito pela língua enseja a percepção da forma da figura em analogia às partes do corpo humano que possuem forma semelhante a do objeto em questão. Trata-se portanto, de mecanismos de construção simbólica baseados na relação entre parte, forma e função dos nomes. É um sistema aglutinante de noções que se combinam em compostos sintagmáticos agregando, a cada novo acréscimo de morfema, valores semânticos de origem metafórica, isto é, significados originalmente construídos por metáforas, para indicar formato, cor, espessura, tamanho, sentimentos.

Para Gomes (2006), são nomes de partes, posse inalienável, que funcionam como classificadores, ou seja, integram os compostos indicando a forma do objeto designado. Na visão de Gomes (2006, p. 180) trata-se de *nomes em função classificadora* (NFC). Ainda de acordo com Gomes (op. cit.), o uso de nomes em função classificadora não tem caráter sistemático, mas possui "natureza bastante clara são nomes de partes, sejam partes do corpo animal, sejam partes do corpo vegetal". Estes nomes, em seu sentido primitivo, são usados normalmente na língua.

O uso derivado (ou metafórico) é que constitui o que Langacker (2002) apontou a respeito de que certos povos tomam partes do corpo (cabeça, dedos, dentes, pés, coração) como parâmetro de "medida" para designar forma ou função dos objetos. Como o uso de nomes em função classificadora não apresenta, também em Xerente, um caráter sistemático, este estudo procura identificar qual é o âmbito deste uso, ou melhor, procura explicar como estes nomes atuam no composto que integram, para designar as categorias de forma, função, espécie, cor, tamanho, sentimento; e até que ponto pode-se dizer que desempenham realmente uma função classificadora na língua, alçando pois, a uma classe morfológica funcional como tal e em que níveis reside este alcance: semântico, sintático, morfológico.

De acordo com Gomes (2006, p. 190-191), para o Mundurukú, esses níveis podem ser assim analisados:

¹ Nome inalienável, ou obrigatoriamente possuído, conforme Siqueira (2003); porque os nomes das partes do corpo enquadram-se na categoria dos nomes inalienáveis em Xerente.

A função básica de um nome que esteja sendo usado em função classificadora é indicar um traço saliente da forma do objeto. [...] um contraste entre nomes em função classificadora e nomes sem essa função. Os primeiros comportam-se como modificadores de um nome, cuja ocorrência independente não é possível: *puy X puy bu. Já os segundos indicam a parte de um todo, em sentido literal ou metafórico, sendo a ocorrência livre do todo atestada na língua: Biboy X Biboy ba 'braço do Biboy' (- ba usado em sentido literal) ou ako 'bananeira' X ako ba 'braço (ou cilindro rígido) da bananeira' (- ba usado em sentido metafórico). Os nomes em função classificadora mantêm uma relação semântica de **modificado-modificador**² com o nome com o qual combinam.

Convém ressaltar, outrossim, que um trabalho teórico sobre fenômenos linguísticos pode, obviamente, receber análises diferentes, ou seja, um mesmo fato linguístico pode ser descrito à luz de diferentes teorias, o que, evidentemente, acarreta interpretações diferentes para o mesmo fato. Um bom exemplo disto é a interpretação realizada por Siqueira (2003) e, respectivamente, por Sousa Filho (2007), sobre a expressão de posse em Xerente. Para Siqueira (2003), a expressão de posse nos substantivos Xerente é um traço semanticamente relevante que polariza a relação dos nomes, sob este aspecto, em dois grupos distintos: os inalienáveis (ou obrigatoriamente possuídos) e os alienáveis (ou não obrigatoriamente possuídos); diferentemente de Sousa Filho (2007), que procede a uma análise do mesmo fato baseado em Lyons (1979), no qual a expressão de posse é tratada como um traço sintático, portanto um caso genitivo-possessivo.

A interpretação de que a posse é um traço³ semanticamente relevante é aceita também por Crofts (1985, apud GOMES, 2006, p. 52):

Pode-se dividir os nomes de duas formas: pela posse e pela classificação. Pela posse, ela se divide em três classes: nomes que são obrigatoriamente possuídos, nomes que são optativamente possuídos e os que não são possuídos.

Fazem uma interpretação semelhante a Crofts: Nichols (1988), Gomes (2006), Picanço (2005), e, para o Xerente, obviamente, Siqueira (2003, p. 24-26). Sendo assim, para descrever os nomes em função classificadora, este estudo pauta-se nesta interpretação, ou melhor, procura identificar e descrever os traços semânticos dos nomes de partes do corpo (portanto inalienáveis) na função, aparentemente, de classificadores.

Este estudo considera que “classificadores” são raízes que, ao integrarem o sintagma, acrescentam ao composto novas designações para indicar cor, formato, função, aspecto físico da figura de uma maneira geral. A língua já possui, evidentemente, essas palavras de uso funcional. À guisa de exemplo, é possível citar: *rom – hã* ‘casa’, *rom – zã*

² Grifo do autor.

³ É essa a interpretação que a autora faz em “Aspectos do Mundurukú”.

‘semente’, *rom -ze* ‘doença’ que não aparecem como forma livre⁴ como *zazu* ‘pó’ (*rom zazu*⁵ ‘algum pó’). A questão que se apresenta é se os nomes usados em função classificadora na língua Akwẽ-Xerente, estão se lexicalizando, isto é, se, quando integram os compostos, “perdem” seu sentido primitivo que é o de designar as partes do corpo, visto que ocorrem em nível pós-lexical.

Para descrever os aspectos mais salientes da questão, este estudo toma como parâmetro o que foi realizado por Gomes (2006) em “Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú” (Tupi), em cujas tabelas se descrevem os traços mais relevantes acerca da função classificadora que os nomes de partes do corpo podem desempenhar na língua.

A respeito dos graus diferentes de lexicalização, com o objetivo de mostrar como um nome assume propriedades de classificadores e qual a relação que se estabelece entre o nome de partes e o nome classificado, Gomes (2006, p. 194), propõe uma escala em que são destacadas as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos nomes em questão. Para cada composto, apresentam-se cinco níveis ou critérios de análise: 1. morfologia – o núcleo; 2. sintaxe interna – que sintagma constitui, 3. sintaxe externa – se o núcleo participa de incorporação (por repetição ou por subida), 4. semântica – se o núcleo é tomado em seu sentido literal ou é nome de parte, 5. conclusão sobre o núcleo – se está ou não em função classificadora. Em relação a tais propriedades descritas na escala de graus de lexicalização, são contemplados aqui apenas os itens 1, 2, 4 e 5. Quanto ao item 3 (sintaxe externa), por se tratar de questões sintáticas bastante complexas, requer um estudo mais aprofundado e detalhado de aspectos sintáticos que não constituem o escopo deste trabalho, dado o caráter preliminar que ora se apresenta para este estudo.

Para Sousa Filho (2007), a questão pode ser enfocada sob outro prisma, explicitado no próximo item deste trabalho.

2 DESCRIÇÃO DE NOMES DE PARTES DO CORPO EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

A língua Akwẽ-Xerente, de que trata este trabalho, é falada por aproximadamente 3100 pessoas, que se auto-denominam também Akwẽ-Xerente. Segundo Rodrigues (1994, p. 48), “a língua Xerente pertence à família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê”. Trata-se de uma língua de característica predominantemente aglutinante e, conforme Sousa Filho (2007, p. 298-301), apresenta padrão sintático SOV como mais produtivo em relação a outros tipos sintáticos.

⁴ Cf. Câmara Jr. (2000, p. 69).

⁵ Dados de Siqueira (2003, p. 36).

Além do mais, a língua, de acordo com Sousa Filho (2007, p. 132), apresenta também categorias vazias na posição de sujeito, o que leva o autor a classificá-la como uma língua com características PRO-DROP. Evidentemente, a língua Akwẽ-Xerente carrega inúmeras outras características gramaticais que não figuram no escopo deste estudo, pois a preocupação central é a descrição das propriedades mais salientes dos nomes de partes do corpo em função classificadora.

Apesar de a grande maioria dos trabalhos sobre a língua Xerente enfocar aspectos sociolinguísticos, cf. Braggio (1992), (1997), (1999), (2005), (2007); Sousa Filho (2000), Vieira (2005), Mesquita (2006), há alguns estudos que se atêm a aspectos linguísticos (morfologia, sintaxe, léxico), tais como Krieger e Krieger (1994), Siqueira (2003), Sousa Filho (2007) e outros que objetivam fazer descrições da fonética/fonologia da língua Xerente, seguindo a abordagem estruturalista dos modelos lineares. Entre esses trabalhos é importante citar Mattos (1973), cuja descrição fonológica possibilitou o estabelecimento da ortografia usada até hoje na alfabetização e em traduções; Braggio (2004); Grannier e Souza (2005) e Souza (2008).

A proposta de descrição para este estudo aventa a hipótese de que os nomes de partes do corpo podem ser usados em função classificadora constituindo, assim, de acordo com Braggio (1999), um inventário de classificadores usados para designar o formato das coisas, sejam animais ou vegetais, formando um sistema de classificação do mundo vegetal típico da língua Xerente. Na verdade, estes nomes comportam-se de várias maneiras e os traços semânticos que se acrescentam aos termos vão além das categorias de “animal”, “vegetal” e outras. Segundo Sousa filho (2007, p. 112),

os classificadores são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, mas exibem baixa referencialidade. [...] nomes que não referem apresentam um baixo grau de categorialidade [...] os classificadores operam sobre uma base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome particular. Encontramos em Xerente classificadores ocorrendo em co-referência com nomes. Os classificadores são clíticos que ocorrem fonologicamente apoiados em nomes ou verbos. Nos nomes, eles podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome (infixo, ênclise) e no verbo ocorrem proclíticos, antecedem o tema verbal.

No entanto, para este estudo, interessam os nomes (raízes nominais) que recorrentemente se combinam com outros nomes, ou verbos, ou outras categorias gramaticais, para formar palavras compostas, constituindo (ou não) o núcleo desse novo lexema. Para Rosch (1973, apud SOUSA FILHO, 2007, p. 113) esses formativos são conhecidos como ‘termos de classe’ e correspondem ao nível básico de categorização.→ Para Rosch, os termos de nível básico de categorização são aqueles nomes que utilizam

para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional. Essas raízes de termos de nível básico classificam os nomes aos quais se agregam”.

Na análise de Gomes (2006), conforme já foi dito, a proposta é uma tabela que identifica a existência de quatro níveis de lexicalização de sequências do tipo “nome + nome”. A proposta deste estudo é apenas esboçar uma descrição dos compostos Xerente, cujos constituintes sejam, pelo menos em sentido primário, nomes de partes do corpo; para descrever, em estudo posterior, (quando da elaboração de tese de doutorado) como se comportam estes nomes, sincronicamente, na língua Akwẽ-Xerente.

Sendo assim, no sentido de verificar se as partes do corpo comportam-se desta maneira, isto é, como termos de classe, ou apresentam ocorrência mais dependente, agindo como classificadores é que se constitui a finalidade da descrição a seguir. Para tanto, são analisados, de acordo com a proposta de Gomes (2006), mencionada anteriormente, os seguintes nomes de partes.

Nomes em função classificadora	Significado primitivo	Significado derivado	Exemplos de nomes classificados		Tradução
			vegetal	outros	
77) danpɔ kre	‘orelha’	‘forma de orelha’	danpɔ kre nẽ danpɔ kre nẽ ude		‘tamboril’ ‘urupê’
78) kmõ	‘chifre’	‘como um chifre’		pɔ kmõ nẽ kti kmõ kre zanĩ kti kup kre	‘fidalgo’ (peixe) ‘boi’ ‘chifre-de-fogo’ (isqueiro)
79) kwa	‘dente’	‘instrumento que corta’		kwəmhi kwa zakræze rõmkwa	‘injeção’ ‘pedra de amolar’ ‘espinho’
80) pa	‘fígado’	‘aspecto amarelado’	zu pakare zu pa prɛ		‘gengibre’ ‘açafraão’
81) pkẽ	‘coração’	‘relacionado a sentimentos, dor’		pkẽ zanĩze pkẽ udkæze pkẽ hikwa	‘fôlego’ ‘tristeza’ ‘libertador’

Esquema 01: Nomes em função classificadora.

Conforme mostra a tabela, o uso de nomes em função classificadora (NFC) está presente em nomes de animais e outros elementos. A natureza desses nomes é bastante clara, são nomes de partes do corpo, nomes inalienáveis na língua Xerente **danpɔkre**

'orelha', **kmõ** 'chifre', **kwa** 'dente', **pa** 'fígado', **pkẽ** 'coração', **to** 'olho'), em sentido primitivo são plenamente usados na língua. Assim, é necessário verificar se o uso condiz com o sentido metafórico mediante processo de analogia, ou se primitivo, no sentido próprio, como nome de alguma parte do corpo. Dessa maneira, há nomes como **kmõ** ~ ku 'chifre', **to** 'olho' (e também hi 'casca, 'pele') que integram alguns compostos, mas parecem resguardar seu sentido primitivo (chifre, olho, casca).

O que é discutido nesta seção é o uso derivado desses termos, isto é, quando usados em função classificadora, em que o significado primitivo não está em jogo, mas o sentido derivado 'forma de orelha', 'instrumento que corta', 'aspecto amarelado', 'sentimentos' respectivamente. Quando integram o composto e mantêm o sentido primitivo, pode-se dizer que não estão em função classificadora. Por seu turno, quando apresentam significado derivado, ocorrem em função classificadora.

O uso de nomes como classificadores não tem caráter sistemático; importante é identificar a natureza e extensão dessa ocorrência. A função básica desses nomes é indicar um traço saliente da forma do objeto, conforme a tabela pôde mostrar. Os NFC mantêm também uma relação semântica de modificador-modificado com o nome que se combinam, às vezes baixo em referência pois não têm autonomia lexical. Pode ocorrer uma relação também de todo-parte, quando se combinam com nomes altos em referência. Com o objetivo de mostrar como esses nomes se comportam face aos graus de lexicalização ou como assume propriedades de classificador e que tipo de relação se estabelece entre ele e o nome que classifica, desenham-se escalas em que se pode verificar que propriedades os NFC possuem nos compostos.

2.1 MORFOLOGIA DOS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Os nomes em função classificadora, como qualquer outro nome desse tipo, são inalienáveis, portanto tomam os marcadores de posse, mas ao integrarem o composto, dispensa-se o uso desse possessivo. Em alguns itens, o possessivo permanece, porém não aponta exatamente o possuidor, mas sim uma posse genérica, inerente ao significado, de que um olho, por exemplo, é sempre o olho de alguém. Mesmo atuando como classificadores, esses nomes não apresentam nenhum traço morfológico diferente daqueles nomes que não estão em função classificadora. Como na comparação: **kwəm hi** 'injeção' e **toꝑ** **kũtbrɔ** 'corujinha'; em que **kwə** indica a analogia entre semelhança/função do dente e da agulha (injeção) respectivamente e **to** no composto refere-se ao 'olho' da corujinha,

parte do corpo do objeto, portanto sentido primitivo. Embora, neste caso não se use o possessivo do possuidor do olho.

Alguns nomes de partes do corpo, sobretudo humano, que são compostos com NFC, nestes casos, não apresentam morfologia relacional, mostrada acima, uma vez que, provavelmente, perderam sua independência morfológica. Quando ocorre incorporação, por exemplo, é o composto inteiro que se incorpora, diferente dos nomes vistos anteriormente, dos quais apenas o NFC que se incorpora.

a) *krã	‘cabeça’ = arredondado dahitɔp krə hi krãiti krãi hi krə zɛ zdãi krã	‘mamilo’ ‘joelho’ ‘caveira’ ‘útero’ ‘boca’
b) *hi	‘osso’ = branco, sob, alongado danipkrə hi hi krãiti krãi hɨ	‘dedo’ ‘joelho’ ‘caveira’
c) *hi	‘pele, casca’ hipku	‘ferida’
d) *pra	‘pé’ prakrda pra krpohi	‘calcanhar’ ‘unha’
e) *tɔ	‘olho’ katɔ dahitɔp krê	‘corconda’ ‘mamilo’

Esquema 02: NFC em composição com partes do corpo.

2.2 A SINTAXE DOS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Os nomes em função classificadora que estão em composição podem atuar como núcleo ou manter com outro núcleo relação de modificador e apresentar função descritiva. Em termos de constituição, não existe diferença entre o uso de um nome em função classificadora e o uso desse mesmo nome em função não-classificadora, nestes casos, guardam sua natureza possessiva. A diferença entre eles se dá em outro plano sintático: a incorporação; e também no plano semântico descrito no próximo item.

A incorporação possível é a migração do núcleo de um sintagma nominal para um sintagma verbal, constituindo com este um composto. É o que é mostrado em:

- 82) a) tɔ poko 'abrir os olhos'
b) tɔtɔko 'latejar, pulsar'

- 83) 'əmbə nət ʔisikrəisku
homem PAS PER REAL 1ª pess R1 (cabeça) + raspou-VT
'O homem raspou sua cabeça'. (lit. a própria cabeça)

2.3 A SEMÂNTICA DOS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Conforme já foi dito, a função básica de um nome que esteja em função classificadora é indicar um traço saliente da forma⁶ do objeto. Nesta seção, a proposta equivale a fazer um contraste entre nomes em função classificadora e nomes sem essa função. Os primeiros comportam-se como modificadores de um nome, cuja ocorrência independente não é possível.

Por outro lado, os nomes sem essa função indicam a parte do todo, em sentido literal e com ocorrência livre na língua. Com essa perspectiva, “**danpɔ kre nẽ**”, por analogia entre a parte do corpo e o fruto da árvore “tamboril”, designa a própria árvore, não uma parte dela. Entretanto, em “**tɔp kuĩtbrɔ**” ‘corujinha’, o morfema “**tɔ**” aponta para a parte do corpo ‘olho’. Dessa maneira, em “**danpɔ kre nẽ**” pode-se dizer que há um classificador em “**tɔp kuĩtbrɔ**”, não. Nessa direção, é possível identificar uma função classificadora nos nomes inalienáveis.

2.4 GRAUS DE LEXICALIZAÇÃO

Com o intuito de mostrar como nomes inalienáveis assumem propriedades de classificadores e qual a relação que estabelecem entre si na constituição de um composto é que se pode descrevê-los utilizando escalas que indicam o grau de lexicalização, nas quais se identificam em que nível está localizada uma sequência nome + NFC.

Assim, o nome “**danpɔ kre**”, diferentemente dos demais aparece nos compostos com o marcador de posse 3 (ou 3ª pessoa coletiva), entretanto atua como núcleo do

⁶ Na tipologia de Allan (1977), enquadram-se na categoria *shape*.

composto e mantém, conforme se pode ver, uma relação de analogia pois usa o morfema “*nẽ*” ‘como, assim como’, para designar o objeto: como orelha, os frutos da árvore “tamboril” tem forma de orelha.

- (i) **danpɔ kre** ‘orelha’
 (a) danpɔ kr nẽ ‘tamboril’

1 Morfologia: é núcleo (danpɔ kre).
2 Sintaxe: constituem um composto
3 Semântica: o núcleo é formado em seu sentido derivado por analogia.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

- (b) danpɔ kr nẽ ude ‘urupê’

1 Morfologia: é núcleo.
2 Sintaxe: constituem um composto.
3 Semântica: o núcleo é formado em sentido derivado por analogia.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

O NI “*danpɔ kre*” ocorre em outros formativos: *danpokr nẽ awre* ‘tamboril da beira d’agua’, *danpokr nẽrê* ‘orelha-de-macaco’ (árvore), *danpokr nẽ suirê* ‘tamboril da folha miúda’ e no composto *danpokr zapkukwa* ‘Oficial encarregado de furar as orelhas’, este, obviamente, usado em sentido primitivo, portanto, nome sem função classificadora. O mais interessante em relação ao item “*danpɔ kre*” é o fato de que, mesmo usado com sentido derivado (metafórico, como uma orelha), mantém o marcador de posse coletiva (3ª) nos itens derivados, estabelecendo nitidamente, a analogia entre o objeto nomeado e a parte do corpo.

Em relação ao termo **kmõ** ‘chifre’, fica evidente a comparação entre o aspecto da parte do objeto baseada na semelhança entre ambos. No entanto, para o termo **ktĩ kmõ kre zani** (boi) não há metáfora, uma vez que é a parte do corpo “chifre” que compõe o nome para designar o objeto, literalmente “anta com chifre”.

- (ii) **kmõ** ‘chifre’
 a) pɔ kmõ nẽ ‘fidalgo’

1 Morfologia: é núcleo.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3) Semântica: o núcleo é formado por analogia com a parte 'chifre'.
4) conclusão: nome com função classificadora.

b) kti kup kre 'chifre-de-fogo'

1 Morfologia: não é núcleo.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3 Semântica: no composto designa uma parte do objeto por analogia a chifre.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

Como nome de parte do corpo “*kwa” é um nome da classe dos inalienáveis, cuja ocorrência livre na língua somente se dá com um prefixo marcador de posse inalienável (ĩ-, ai-, wa-, da-).

Nos compostos, duas questões se configuram, a saber: em “kwəmhi” ‘injeção’, “kwa zakrəzε” ‘pedra de amolar’, , ”rōmkwa” ‘espinho’, trata-se realmente de parte do corpo “dente” usado em sentido derivado por analogia com a forma e função do dente e do objeto designado, i. é, ser afiado, usado para cortar; como o morfema “- kwa”, sufixado ao verbo indica o agente (AG) da ação em Xerente, provavelmente, o nome “kwa” ‘dente’, pode ter passado por um processo de gramaticalização, perdendo seu caráter lexical e valor semântico para atuar de maneira mais dependente, comportando-se como nominalizador. Apenas para ilustrar este último caso: “duri” ‘carregar’, “durikwa” ‘carregador’.

(iii) kwa ‘dente’
 (a) kwəmhi ‘injeção’

1 Morfologia: é núcleo (kwa -), não recebe morfologia relacional.
2 Sintaxe: constituem um composto.
3 Semântica: o núcleo é formado em seu sentido derivado.
4 Conclusão: nome dependente com função classificadora.

(b) kwa zakrəzε ‘pedra de amolar’

1 Morfologia: não é núcleo do sintagma.
2 Sintaxe: constituem um composto.
3 Semântica: kwa é tomado em sentido derivado.

4 Conclusão: nome em função classificadora.

(c) rōmkwa 'espinho'

1 Morfologia: é núcleo do sintagma.

2 Sintaxe: constituem um composto.

3 Semântica: é usado em sentido derivado, aspecto pontiagudo.

4 Conclusão: uso não muito claro, haja vista que "rom" – ('coisas') também apresenta funções de classificador.

(iv) **pa** 'figado'

(a) zu pakare 'gengibre'

1 Morfologia: não é núcleo do composto.

2 Sintaxe: constitui um composto.

3 Semântica: é usado em sentido derivado, aspecto amarelado.

4 Conclusão: nome em função classificadora.

(b) zu pa prε 'açafraão'

1 Morfologia: não é núcleo do composto.

2 Sintaxe: constitui um nome composto.

3 Semântica: é usado em sentido derivado, associado à tonalidade da cor (amarelado mais avermelhado).

4 Conclusão: nome em função classificadora.

Na verdade, a relação de contiguidade estabelecida entre o NI "pa" e o objeto associa-se, mais nitidamente, ao aspecto de "pazε" 'bílís', por sua consistência e cor. Outros exemplos pode ser observados em verbos e modificadores tais como: *pa kuwa* 'debilitar', *patkâdi* 'estar cansado', *pa kuwadi* 'estar enfraquecido'. Entretanto, é possível considerar que "pa" nos compostos *zu pakare* e *zu pa prε* tem um uso mais dependente de classificador.

Para o próximo conjunto, a descrição deve, inevitavelmente, considerar que não é a forma externa do nome de parte que é percebida, mas um vasto campo de designações que entram na categoria de sensações, dor, sentimento, ou nome de agente, advindo deste

um composto com outro (s) nome (s).

Do ponto de vista morfológico, as escalas podem ser lidas em duas partes. A diferença entre essas partes está no fato de se encontrar traços morfológicos (relacional) apenas em alguns itens. Essa divisão se dá quando há composição.

Considerando a sintaxe externa (não tratada neste artigo), essa mesma divisão ocorre. Assim, uma análise semântica pode sugerir que quando um nome se afasta de seu sentido literal, começa a ser um forte candidato a classificador. Outros, embora pertencendo a mesma classe dos NFC, quando representam parte de um todo não são considerados como classificadores, ao contrário, este tipo de nome podem ser incorporados e reconhecidos como tal em nível sintático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, K. Classifiers. *Language*, 53, p. 284-310, 1977.

BRAGGIO, S. L. B. Situação sociolinguística dos povos indígenas do Estado de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v.1, n. 1, p. 1-61, jan./dez., 1992.

BRAGGIO, S. L. B. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. ABRALIN: *Boletim da Associação Brasileira*, v.1, n.20, 1997.

BRAGGIO, S. L. B. A instauração da escrita entre os xerente: conflitos e resistências. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 121-133, jan./dez., 1999.

BRAGGIO, S. L. B. *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação, tipologias sociolinguísticas e educação escolar*. Atas do II Encontro Nacional do GELCO, Brasília, 2003.

BRAGGIO, S. L. B. *Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente-Akwẽ: uma visão comparativo-histórica dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os atuais*. Goiânia, 2004. p. 01-22. Mimeografado.

BRAGGIO, S. L. B. Um estudo tipológico sociolinguístico dos Xerente-Akwẽ: questões de vitalização. In: AGUIAR, O. B. (Org.). *Região, nação, identidade*. Goiânia: Agepel, 2005. p. 165-183.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CROFTS, M. *Aspectos da língua Munduruku*. Brasília: Publicações do Summer Institute of

Linguistics. Sil, 1985.

ENFIELD, N. J. (Ed.) *Ethnosyntax: explorations in grammar and culture*. New York: Oxford University Press, 2002.

GOMES, D. M. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupi)*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GRANNIER, D. M.; SOUZA, S. L. *Fonologia segmental da língua Akwẽ-Xerente (Jê)*. UnB, 2005. 25 p.

GUMPERZ, J. J. *Rethinking linguistic relativity*. New York: Cambridge University Press, 1996.

HAGÈGE, C. *L'homme de paroles*. Paris: Fayard, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Gramaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

KRIEGER, W. B.; KRIEGER, G. C. *Dicionário Escolar: xerente-português; português-xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Trad. Carmen gonzáles Marin. Espanha: Cátedra, 1980.

LANGACKER, E. W. A study in unified diversity: English and Mixtec locatives. In: ENFIELD, N. J. (Ed.). *Ethnosyntax: explorations in grammar and culture*. New York: Oxford University Press, 2002. p. 138-161.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

MARTINES, G. V. *Aspectos semânticos dos nomes classificadores em Mundurukú*. 2007. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MATTOS, R. de. Fonêmica xerente. *Série linguística*, Brasília, n. 1, p. 79-100, 1973.

MESQUITA, R. Índios na cidade: a situação sociolinguística dos Xerente de Tocantínia – TO. In: CONPEEX – Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG, 3., 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2006.

NUNES, P. V. *Princípio icônico e trabalho lexicográfico: aplicação aos nomes da língua Munduruku*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Brasília. Brasília, 2000.

- PICANÇO, G. L. *Munduruku: phonetics, phonology, synchrony, diacrony*. 2005. Tese (Doutorado em Letras). The University of British Columbia. Columbia, 2005.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In.: *Suma Etnológica Brasileira*, 1984. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: Darcy Ribeiro, 1987.
- RIBEIRO, E. R. *O marcador de posse alienável em Kariri: um morfema Macro-Jê revisitado*. Goiânia, 2002. Mimeografado.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.
- SCHAFF, A. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1974.
- SIQUEIRA, K. M. de F. *Aspectos do substantivo na língua Xerente*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- SIQUEIRA, K. M. de F. Considerações esparsas acerca do estudo lexical da língua Xerente. *Trilhos*, v. 5, n. 5, p. 26-33, 2007.
- SOUSA FILHO, S. M. *Aquisição do português oral pela criança xerente*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.
- SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ Xerente (Jê)*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- SOUZA, S. L. *Aspectos fonético-fonológicos da língua Akwẽ-Xerente*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- VIEIRA, R. P. F. *O papel da língua na aquisição de uma segunda língua escrita na escola indígena Xerente Waikarnãse*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.
- WIERZBICKA, A. *Understanding cultures through their key words*. New York: Oxford University Press, 1997.

Recebido em 21 de setembro de 2009.

Aceito em 20 de outubro de 2009.